

BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE

REVISTA DE IMPRENSA Publicação _____

Local _____ Data _____ Série _____ N.º _____

Presidente da Câmara de Esposende

“Zonas industriais serão criadas até ao final do ano”

Alberto Figueiredo, um empresário com sucesso na indústria têxtil, é desde as últimas eleições autárquicas o presidente da Câmara Municipal de Esposende. Casado, com dois filhos, Alberto Figueiredo conquistou todo o prestígio no seu percurso pela indústria, tendo sido uma aposta bem sucedida do PSD para arrebatar mais uma Câmara ao CDS.

A sua nova tarefa não é, no entanto, nada fácil. Esposende é um pequeno concelho do litoral onde os problemas se avolumam. Com quinze freguesias e 30 mil habitantes, estima-se que 30% estejam dependentes da agricultura, vivendo uma vida dúplice de agricultores-operários.



Alberto Figueiredo, presidente da Câmara de Esposende

Mário J. Costa

Vida Económica - O que o levou a candidatar-se à Câmara de Esposende?

Alberto Figueiredo - Na altura era vereador e sentia que a Câmara estava mais ou menos parada, as grandes obras não avançavam. Foi esse desejo de servir o concelho, de o tirar do estado em que ele estava, que me levou a candidatar à Câmara.

VE - É muito diferente a gestão de uma empresa e a gestão de uma Câmara Municipal?

AF - Sim, na gestão municipal há mais burocracia, mais entidades a decidir, não somos só nós. Enquanto, normalmente, nos negócios privados, depois de se consultar as pessoas, um decide e manda fazer. Aqui as coisas são muito mais demoradas e lentas.

VE - Como consegue

coniliar a gestão dos seus negócios privados e a gestão da Câmara Municipal?

AF - Tenho na fábrica um conjunto que considero de bons colaboradores, também tenho lá a minha mulher e dois sócios, vou dando algum do pouco tempo que tenho. Com a boa organização que havia na empresa, as coisas estão no bom caminho.

VE - Não acha que o facto de assumir as duas funções o poderá levar a

beneficiar os seus interesses empresariais?

AF - Não, não colide uma coisa com a outra. Dentro das minhas decisões não tenho nada que possa decidir no que se refere à minha empresa, pelo menos do que vi até hoje. Se tiver, de certeza que irei ser prejudicado, porque não sou capaz de decidir, ou tirar qualquer tipo de benefício em qualquer resolução que possa ter influência.

De qualquer forma nunca seria eu a decidir, mas teria o máximo de cuidado em salvaguardar sempre a minha consciência e a imagem pública da Câmara.

VE - Quais são os problemas mais prementes que tem para resolver na Câmara Municipal?

AF - Os problemas mais prementes são: o abastecimento de água a todo o concelho, problemas de saneamento básico em algumas freguesias e o problema da habitação que se torna grave, uma vez que somos um concelho do litoral onde os terrenos atingem preços incompatíveis para a maioria dos trabalhadores. Esses são os problemas mais graves.

Depois, temos que criar condições para o desenvolvimento do turismo na nossa zona. Espero que com o Plano Director Municipal se venha a dar um passo importante nesse sector. Industrializar um pouco o concelho e

criar, dentro dos possíveis, apoios à agricultura.

VE - Considera-se satisfeito com a opção que tomou? Enfrentará outro mandato?

AF - Considero-me satisfeito, na medida em que aquilo que pensei fazer está a concretizar-se. Posso dizer que não me considero satisfeito pela maneira como algumas pessoas criticam a Câmara, algumas das críticas que se fazem não são correctas. Penso que o trabalho tem sido muito positivo e nunca pensei que se pudesse fazer tanto por Esposende. Foi uma boa opção, embora tenha muito trabalho.

VE - Como empresário como vê a acção dos autarcas no apoio e no enquadramento da actividade industrial?

AF - Os autarcas podem ter, pelo menos, um papel de apoio na instalação das indústrias. Esse é um dos dramas do meu concelho, nós não temos espaços próprios para a instalação das indústrias.

Temos uma área definida, mas é de particulares e, devido ao minifúndio, torna-se difícil aos industriais comprarem as parcelas de que têm necessidade. De acordo com o estabelecido no PDM vamos criar mais duas zonas industriais e alargar a existente. Mas, na minha opinião, a Câmara devia comprar os terrenos. Mesmo que houvesse uma negociação dos empresários com os

proprietários, os terrenos deviam estar à disposição para entrega imediata.

VE - Que modelo de desenvolvimento defende para o seu concelho?

AF - Teremos que fazer o desenvolvimento de vários sectores. O desenvolvimento do turismo, mas para isso temos que alterar a forma de construir Esposende, de maneira que se criem empregos e o turismo possa gerar, efectivamente, riqueza. O PDM veio apresentar um conjunto de soluções que vão contribuir para um maior desenvolvimento do turismo. Temos que apostar, também, na indústria. Não digo que se vá industrializar o concelho,

mas criar um conjunto de indústrias que possam servir de alternativa para as pessoas que existem em excesso na agricultura.

Na agricultura do litoral, que se for bem feita, é altamente rendável, temos que dar o apoio aos agricultores de forma que a sua actividade seja uma fonte de riqueza para o nosso concelho.

A indústria, atendendo à pouca que nos interessa, deverá ser seleccionada. Devemos retirar um bocado a indústria têxtil, que tem algumas contingências e leva-nos quase a ficar acoplados ao Grande Porto e a Barcelos. Penso que devemos procurar indústrias de ponta, que empregam pouca mão-de-obra, mas pagam bons salários e garantem os postos de trabalho a médio e a longo prazos.

Temos cerca de 1,2 milhões de contos de projectos em execução e em discussão para resolver o problema do abastecimento de água, vamos gastar 300 mil contos no saneamento e gastámos 140 mil contos na habitação.

VE - Como presidente da Câmara, apoia e incentiva a instalação de indústrias têxteis no seu concelho?

AF - Eu não probo, mas devo dizer que não é o tipo de indústrias que nos interessam. Repare, nós temos uma indústria têxtil maciça em Barcelos, em Esposende tem já um peso significativo, num período de crise, que pode acontecer, sofreremos com isso.

É válido para qualquer parte do Mundo, independentemente do conceito da indústria têxtil, deve haver uma diversificação.

Não quer dizer que vamos repelir as indústrias têxteis, o que não vamos é, de certeza, incentivar a sua instalação.

VE - Quais são os projectos de investimento mais interessantes que existem no seu concelho?

AF - Os mais importantes são, de acordo com aquilo que eu disse que eram as nossas necessidades, o abastecimento de água. Nós temos cerca de 1,2 milhões de contos de projectos em execução e outros em discussão.

No saneamento básico vamos gastar muito perto de 300 mil contos.

Na habitação já gastámos 140 mil contos em terrenos, vamos lançar a construção de trezentos apartamentos e vamos vender cerca de sessenta lotes para autoconstrução.

Mal o Plano Director esteja elaborado vamos criar as zonas industriais.

Também como obras preponderantes, temos as obras da zona ribeirinha da Foz do Cávado que estão

orçadas em perto de 1,5 milhões de contos e onde devemos ter a colaboração da Direcção-Geral de Portos, sem a qual não será possível a sua realização. Uma das obras também importantes é a piscina municipal.

VE - Os projectos para a zona ribeirinha de que constam exactamente?

AF - A criação de uma nova barra. A criação de um parque da Vila em frente ao Hotel Suave Mar, fazendo um pequeno aterro, arborizando, relvando parte, construindo pequenos parques infantis, um circuito de manutenção, "courts" de ténis, campos de basquete, esplanadas e duas pequenas praias fluviais. Uma doca de recreio com capacidade para 150 a 200 barcos, o

de jogo para um projecto diferente, que previa a criação de uma praia de marés, nós conseguimos a transferência dessa participação para o nosso projecto. Esta é portanto uma solução diferente da Câmara anterior.

VE - As principais unidades hoteleiras do Concelho pertencem à Sopete, conhece novos investimentos por parte deles, e não está preocupado com a actividade dessas unidades?

AF - Neste momento, e que eu saiba, a Sopete não está a avançar com nada, está a fazer a recuperação dos hotéis que possui. Os hotéis não estão a funcionar muito mal, mas também não estão a funcionar muito bem, estão um bocado degradados. As pessoas deviam ter inves-

As obras da zona ribeirinha estão orçadas em 1,5 milhões de contos. Construiremos um Parque da Vila, com campos de basquetebol e "courts" de ténis, e uma doca de recreio para 150 a 200 barcos.

posto náutico, a piscina municipal, que está englobada neste projecto, uma doca para os pescadores e a deslocação dos estaleiros. Depois, o tratamento paisagístico das margens de forma a enquadrar os projectos.

VE - Este projecto está relacionado com o seu mandato?

AF - Havia uma candidatura aos dinheiros da zona

tido na altura certa, e para recuperá-los são precisas umas pequenas fortunas. Se essas recuperações não forem feitas, cada vez será pior e será necessário mais dinheiro.

Estou um bocado preocupado, porque verifico que o turismo está a baixar de qualidade e espero que haja um turismo de qualidade. □

5